

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (prosa) © Boris Schnaiderman, 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (poemas)

© Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

Desenhos a bico-de-pena de Aleksandr Púchkin (1799-1837)

aquarelados por Cynthia Cruttenden

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Alexandre Barbosa de Souza

1ª Edição - 1999, 2ª Edição - 2006 (1ª Reimpressão - 2008)

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Púchkin, Aleksandr, 1799-1837

P0771 A dama de espadas: prosa e poemas / Aleksandr

Púchkin; tradução de Boris Schnaiderman e Nelson

Ascher — São Paulo: Ed. 34, 1999.

264 p.

ISBN 85 7326-133-1

I. Ficção russa. 2. Poesia russa. I. Schnaiderman,
Boris. II. Ascher, Nelson. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.78

O FAZEDOR DE CAIXÕES

*Não vemos diariamente os ataúdes,
Cães do universo que envelhece?*

Dierjávín¹

Os últimos trastes do fazedor de caixões Adrian Prokhorov foram amontoados no coche fúnebre, e a esquelética parelha arrastou-se pela quarta vez da Basmánaia para a Nikítskaia, para onde ele se mudava com tudo o que era seu. Fechada a loja, pregou no portão um anúncio dizendo que a casa estava à venda ou para alugar, e foi para o novo domicílio a pé. Aproximando-se da casinha amarela, que havia tanto tempo lhe seduzia a imaginação e fora comprada finalmente por uma soma considerável, o velho percebeu surpreendido que o seu coração não se alegrava. Transpondo o umbral desconhecido e encontrando confusão em sua nova morada, suspirou pela velha lojinha, onde durante dezoito anos tudo decorrera na mais estrita ordem; começou a deblaterar contra as duas filhas e a empregada, por causa da sua lentidão, e pôs-se a ajudá-las. A ordem foi instaurada em pouco tempo; o oratório com os ícones, o armário de louça, a mesa, o divã e a cama ocuparam os lugares designados por ele no quarto dos fundos; na cozinha e na sala de visitas, dispuseram-se as obras do dono da casa: caixões de todas as cores e tamanhos, bem como armários com chapéus de luto, capotes negros e archotes. Por cima do portão, pregou-se uma tabuleta com um Cupido corpulento, tendo na mão um facho virado, com a inscrição: “Aqui se vendem e se forram caixões simples e pintados, e também se alugam ou se consertam caixões usados”. As moças foram para o seu quarto. Adrian per-

¹ Do poema “A cachoeira”, de G. R. Dierjávín.

correu a habitação, sentou-se à janela pequena e mandou preparar o samovar.

O leitor culto sabe que tanto Shakespeare como Walter Scott representaram os seus coveiros como homens alegres e brincalhões, a fim de impressionar mais fortemente com o contraste a nossa imaginação. Em respeito à verdade, não podemos seguir o seu exemplo e somos obrigados a confessar que o gênio do nosso fazedor de caixões condizia de modo absoluto com o seu lúgubre ofício. Adrian Prokhorov era habitualmente sombrio e calado. Rompia o mutismo quase exclusivamente para gritar com as filhas, quando as encontrava inativas, espiando os transeuntes da janela, ou para pedir pelas suas obras um preço exagerado àqueles que tinham a infelicidade (e às vezes, o prazer) de precisar delas. Pois bem, sentado à janela e tomando a sétima xícara de chá, Adrian estava imerso como de costume em tristes divagações. Pensava na chuva torrencial que, uma semana atrás, caíra no momento em que chegava no cemitério o enterro de um brigadeiro reformado. Muitos capotes negros encolheram, muitos chapéus se estragaram. Previa despesas inevitáveis, pois o seu velho estoque de trajes fúnebres reduzia-se a um triste estado. Esperava cobrir o prejuízo com a velha comerciante Triúkhina, que se achava à morte fazia quase um ano. Mas ela estava à morte no bairro de Razguliai, e Prokhorov temia que os herdeiros, apesar da promessa feita, ficassem com preguiça de mandá-lo chamar tão longe, e acabassem combinando tudo com a empresa mais próxima.

Essas reflexões foram interrompidas involuntariamente por três pancadas franco-maçônicas na porta. “Quem é?” — perguntou Adrian. Abriu-se a porta, e um homem, em quem a um simples relance se poderia reconhecer um artífice alemão, entrou no quarto e se aproximou, com ar alegre, do dono da casa. “Desculpe-me, amável vizinho — disse ele, nesse dialeto russo que nós até hoje não podemos ouvir sem dar risada —, desculpe se o incomodo... eu queria travar relações

com o senhor, o quanto antes. Sou sapateiro, meu nome é Gottlieb Schulz, e moro do outro lado da rua, naquela casinha em frente das suas janelas. Festejo amanhã as minhas bodas de prata, e peço ao senhor e às suas filhas que venham jantar em minha casa como amigos.” O convite foi aceito com afabilidade. Adrian convidou o sapateiro a sentar-se e tomar uma xícara de chá, e, graças ao gênio franco de Gottlieb Schulz, não demoraram a travar amistosa conversa. “Como vão os negócios de Vossa Mercê?” — perguntou Adrian. “Eh-he-he — respondeu Schulz —, assim e assado. Não posso me queixar. Mas, naturalmente, a minha mercadoria não é como a sua: um vivo pode passar sem bota, mas um morto não vive sem caixão.” — “A pura verdade — observou Adrian —, mas se um vivo não tem com que comprar um par de botas, então (não te zangues) ele anda descalço, mas um mendigo defunto leva o seu caixão de graça.” Desse modo, a palestra deles prosseguiu mais algum tempo; finalmente, o sapateiro se levantou e despediu-se de Adrian, reiterando o convite.

No dia seguinte, ao meio-dia em ponto, Adrian e as filhas saíram do portão da casa recém-comprada e dirigiram-se à residência do vizinho. Afastando-me da norma aceita pelos romancistas atuais, não descreverei o cafetã russo de Adrian Prokhorov, nem os trajes europeus de Akúlina e Dária. Suponho, entretanto, que não será supérfluo observar que ambas as moças puseram chapeuzinhos amarelos e sapatos vermelhos, o que lhes sucedia somente nas ocasiões solenes.

A casinha acanhada do sapateiro estava repleta de convidados, na maioria artífices alemães, com suas esposas e aprendizes. Quanto a funcionários russos, estava lá um vigia, o finlandês Iurko, que soubera merecer, apesar da sua modesta condição, uma benevolência especial do dono da casa. Durante uns vinte e cinco anos, prestara com fidelidade serviços nesse posto, a exemplo do carteiro de Pogoriélski.² O incên-

² Alusão a um personagem de *O sócia*, de A. Pogoriélski (1825).

dio de 1812, ao destruir a capital do Império, aniquilara também a sua guarita amarela. Mas imediatamente após a expulsão do inimigo, em seu lugar apareceu uma guarita nova, cinzenta, de colunas brancas, da ordem dórica, e Iurko passou novamente a caminhar junto a ela, *de couraça e acha de armas*. Era conhecido da maioria dos alemães que habitavam próximo ao arco de Nikita: a alguns deles acontecera até pernoitar na guarita de Iurko de domingo para segunda-feira. Adrian logo travou relações com ele, pois era um homem de quem cedo ou tarde se podia vir a precisar, e, quando os convivas se dirigiram à mesa, eles sentaram-se lado a lado. O senhor e a senhora Schulz e a filha deles, Lotchen, de dezessete anos, jantando com os convidados, ajudavam ao mesmo tempo a cozinheira a servir a mesa. A cerveja corria aos borbotões. Iurko estava comendo por quatro; Adrian não lhe ficava atrás; as filhas mantinham a linha; a conversa em alemão tornava-se hora a hora mais ruidosa. De repente, o dono da casa exigiu atenção e, desarrolhando uma garrafa coberta de breu, proferiu em voz alta, em russo: “À saúde de minha boa Luísa!”. O vinho espumou. O dono da casa beijou ternamente o rosto fresco da sua quarentona companheira, e os convivas beberam ruidosamente à saúde da boa Luísa. “À saúde dos meus queridos convidados!” — proclamou o dono da casa, abrindo a segunda garrafa, e os convidados agradeceram, esvaziando novamente as taças. Então, os brindes foram-se seguindo um ao outro: bebeu-se à saúde de cada convidado em particular, de Moscou e de uma dúzia inteira de cidadezinhas germânicas, das corporações em geral e de cada uma em particular, e à saúde de artesãos e aprendizes. Adrian bebia com afinco e pôs-se tão alegre que sugeriu um brinde brincalhão. De repente, um dos convivas, um padeiro gordo, ergueu a taça e exclamou: “À saúde daqueles para quem trabalhamos, *unserer Kundleute!*”. A proposta, como todas as demais, foi aceita alegremente e por unanimidade. Os convivas começaram a saudar-se, o alfaiate inclinou-se para o sa-

pateiro, o sapateiro para o alfaiate; o padeiro para ambos, todos os três para o padeiro, e assim por diante. Em meio dessas mútuas saudações, Iurko gritou, dirigindo-se ao seu vizinho: “E então? Bebe, paizinho, à saúde dos teus defuntos”. Os presentes caíram na gargalhada, mas Adrian se considerou ofendido e adquiriu uma expressão sombria. Ninguém o percebeu, todos continuaram a beber e se ergueram da mesa quando já se tocava as vésperas.

Os convivas separaram-se tarde, na maioria um pouco tocados. O gordo padeiro e o encadernador, cujo rosto parecia encadernado com marroquim vermelho, levaram Iurko, amparado pelas axilas, para a sua guarita, seguindo desse modo o provérbio russo “A dívida se embeleza com o pagamento”. O fazedor de caixões chegou em casa bêbado e zangado. “E na verdade — argumentava ele alto —, em que é que o meu ofício não é tão honesto como os demais? Será que o fazedor de caixões é irmão do carrasco? Por que é que riem dele aqueles infiéis? Um fazedor de caixões será algum saltimbanco? Eu gostaria de chamá-los para comemorar a mudança e dar-lhes uma festa de verdade. Agora não pode ser! Mas vou chamar aqueles para quem trabalho, os defuntos ortodoxos.” — “Que é isso, paizinho? — perguntou a criada, que lhe estava tirando os sapatos. — Que absurdos são esses? Persigna-te! Convidar defuntos para a festa da mudança! Cruz-credo!” — “Juro por Deus que os chamarei — prosseguiu Adrian — e amanhã mesmo. Peço-lhes, meus benfeitores, que venham amanhã à noite para uma festa em minha casa: vou servir-lhes o que Deus me deu.” Dito isso, o empresário fúnebre foi para a cama e pouco depois roncava.

Ainda estava escuro quando acordaram Adrian. A negociante Triúkhina falecera naquela mesma noite, e um empregado enviado pelo seu administrador viera a galope trazer a notícia a Adrian. O fazedor de caixões deu-lhe dez copeques para a vodca, vestiu-se às pressas, alugou um carro e foi para o bairro de Razguliai. Havia polícias junto ao portão da casa

da defunta, e alguns comerciantes caminhavam pela calçada como corvos que sentem carniça. A defunta estava sobre a mesa, amarela como cera, mas ainda não deformada pela decomposição. Junto a ela, aglomeravam-se parentes, vizinhos e criados. Todas as janelas estavam abertas; ardiam velas; sacerdotes proferiam orações. Adrian acercou-se do sobrinho de Triúkhina, um jovem comerciante de sobrecasaca da última moda, e lhe disse que o caixão, as velas, a mortalha e os demais objetos funerários lhe seriam imediatamente entregues em perfeito estado. O herdeiro agradeceu-lhe distraído, dizendo que não regatearia e que se fiava em tudo na consciência de Adrian. O fazedor de caixões jurou por Deus, como era seu costume, que não cobraria mais que o devido; em seguida, trocou um olhar significativo com o administrador e foi providenciar o necessário. Passou o dia todo indo e vindo entre o arco de Nikita e Razguliai; à noitinha, estava tudo resolvido, e ele foi para casa a pé, depois de dispensar o cocheiro. Era noite de luar. Adrian chegou sem incidentes ao arco de Nikita. Perto da igreja da Assunção, interpelou-o o nosso conhecido Iurko e, reconhecendo o fazedor de caixões, desejou-lhe boa noite. Era tarde. Já estava perto de casa, quando lhe pareceu de repente que alguém se aproximara do seu portão, abrindo-o e escondendo-se atrás dele. “O que significa isto? — pensou Adrian. — Quem é que precisa de mim novamente? Não será um ladrão? Ou as minhas tontas estão recebendo amantes? Em todo caso, coisa boa não é!” E Adrian já pensava chamar em seu auxílio o amigo Iurko. Naquele instante, alguém mais aproximou-se do portão e preparava-se para entrar, mas, vendo o dono da casa, que corria, parou, tirando o tricórnio. Adrian teve a impressão de conhecer aquele rosto, mas com a pressa não pôde examiná-lo direito. “O senhor se dignou visitar-me — disse Adrian ofegante —, pois faça o favor de entrar.” — “Nada de cerimônia, paizinho — replicou o outro, com voz abafada —, vá na frente e mostre o caminho aos convidados!” Adrian nem teve tempo de fa-

zer cerimônia. O portão estava aberto, e ele foi para a escada, seguido pelo outro. Pareceu-lhe que havia gente caminhando pelos quartos de sua casa. “Com mil diabos!” — pensou, apressando-se a entrar... mas, nesse momento, as suas pernas dobraram-se. O quarto estava repleto de defuntos. A lua iluminava pelas janelas os seus rostos amarelos e azuis, as bocas encovadas, os olhos turvos, entrecerrados, e os narizes pendidos... Adrian reconheceu neles horrorizado as pessoas enterradas graças aos seus cuidados, e no hóspede que entrara com ele, um brigadeiro sepultado durante uma chuva torrencial. Todos eles, damas e cavalheiros, rodearam o fazedor de caixões em saudações e mesuras, com exceção de um pobreto, enterrado recentemente de graça, e que, envergonhado dos seus farrapos, não se aproximava, permanecendo humildemente num canto. Os demais estavam trajados com decência: as defuntas com toucas e fitas, os mortos funcionários de uniforme, mas de barba por fazer, os comerciantes de cafetã de dia feriado. “Sabes, Prokhorov? — disse o brigadeiro, em nome de toda a honesta confraria. — Levantamo-nos todos para atender ao teu convite: ficaram em casa apenas aqueles que já não podem andar, os que estão completamente derruídos, e aqueles que só têm ossos sem pele, mas até entre esses houve um que não se conteve, tamanha era a vontade de vir à tua casa...” Naquele instante, um pequeno esqueleto esgueirou-se através da multidão e aproximou-se de Adrian. A sua caveira sorria afavelmente. Frangalhos de casemira verde-clara e vermelha e de um brim vetusto pendiam dele aqui e ali, como num espeto, e os ossos das suas pernas debatiam-se dentro de grandes polainas, como um pilão num almofariz. “Não me reconheceste, Prokhorov? — disse o esqueleto. — Estás lembrado do sargento da guarda reformado, Piotr Pietróvitch Kuríkin, aquele mesmo a quem vendeste, em 1799, o teu primeiro caixão, e forneceste pinho em lugar de carvalho?” Dito isso, o defunto alongou na sua direção os ossos, para um abraço. Mas, reunindo todas as forças, Adrian soltou um gri-

to e repeliu-o. Piotr Pietróvitch cambaleou, caiu e desfez-se em pó. Um murmúrio de indignação levantou-se entre os defuntos; todos se empenharam em defender a honra do companheiro, assediaram Adrian com censuras e ameaças, e o pobre dono da casa, ensurdecido pelos seus gritos, quase esmagado, perdeu a presença de espírito, caiu sobre os ossos do sargento da guarda reformado e desmaiou.

O sol havia muito iluminava a cama em que estava deitado o fazedor de caixões. Finalmente, ele abriu os olhos e viu diante de si a criada que soprava no samovar. Adrian recordou horrorizado todos os acontecimentos da véspera. Triúkhina, o brigadeiro e o sargento Kurílkin apresentaram-se confusamente à sua imaginação. Esperou em silêncio que a criada puxasse conversa e lhe falasse sobre as conseqüências daquelas aventuras noturnas.

— Como dormiste, paizinho Adrian Prokhórovitch — disse Aksínia, passando-lhe o roupão. — O vizinho alfaiate veio te ver, e o guarda passou para dizer que hoje ele faz anos em particular, mas tu estavas dormindo e não quisemos acordar-te.

— E veio alguém da casa da falecida Triúkhina?

— Falecida? Mas ela morreu?

— Que boba! Não foste tu que me avisaste ontem para providenciar o enterro dela?

— Que é isso, paizinho? Perdeste o juízo, ou ainda não te passou a bebedeira de ontem? Que enterro houve ontem? Passaste o dia todo na festança do alemão, voltaste bêbado, caíste na cama e dormiste até agora, quando já tocaram para a missa.

— Será possível?! — disse com alegria o fazedor de caixões.

— É isso mesmo — respondeu a criada.

— Se é assim, serve depressa o chá e vai chamar as filhas.